

A ARTETERAPIA NO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO: REVISÃO SISTEMÁTICA¹

ART THERAPY IN PSYCHOLOGICAL TREATMENT: A SYSTEMATIC REVIEW

Alexandre Pinto Bueno² e Cesar Augusto Bridi Filho³

RESUMO

A arteterapia é um método possível de atuação em saúde mental? Através da utilização da arte, é apresentado como um método, porém o caráter terapêutico necessita de um profissional da área da saúde para sua aplicação através de técnicas próprias. Neste estudo, buscou-se conseguir apontar como a arteterapia pode contribuir na redução de sintomas de pacientes em tratamento psicológico. Para a elaboração deste estudo foi realizada uma Revisão Sistemática sobre o tema e como resultado, foram verificadas diversas formas de utilização da arte, sendo destacada a sua maior utilização no contexto hospitalar, verificando-se a presença de modificabilidade na expressão sintomática dos pacientes através da utilização das técnicas da arteterapia. Sendo um dos instrumentos que o terapeuta tem em seu auxílio, permite o acesso a materiais inconscientes que causam sofrimento ao paciente, proporcionando uma diminuição dos sintomas apresentados. Através do conhecimento de si, é proporcionado que o usuário consiga entender melhor seus sentimentos e a sua forma de agir frente as adversidades.

Palavras-chaves: Arteterapia, Psicologia, Arte psicoterapia.

ABSTRACT

Is art therapy a possible method of action in mental health? Through the use of art, it is presented as a method, but the therapeutic character needs a health professional for its application through its own techniques. In this study, we aimed to point out how art therapy can contribute to the reduction of symptoms in patients undergoing psychological treatment. For the elaboration of this study a Systematic Review was carried out on the subject and as a result, several ways of using the art were verified, which emphasized its greater use in the hospital context, where it was verified the presence of modifiability in the symptomatic expression of the patients through the use of art therapy techniques. This is one of the tools that the therapist has to help, it allows access to unconscious materials that cause suffering to the patient, it provides a decrease in the symptoms presented. By knowing oneself, users can better understand their feelings and their way of acting in the face of adversity.

Keywords: Art therapy, Psychology, Art psychotherapy.

¹ Artigo Científico.

² Autor, Psicólogo Clínico, graduado pela Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA). E-mail: psicoalexsm@gmail.com

³ Coautor, Orientador, Mestre em Educação, professora da Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA). E-mail: cesar.bridi@fisma.com.br

INTRODUÇÃO

No dia 03 de maio de 2006, foi publicada pelo Ministério da Saúde a portaria de nº 971, esta publicação regulamentou a utilização de Práticas Integrativas e Complementares no Brasil. Apresentando o campo como um conjunto de recursos terapêuticos oriundos da medicina tradicional, os quais buscam, através de uma visão totalitária do indivíduo, a prevenção e tratamento da saúde estimulando seus mecanismos naturais de autocuidado e preservação (BRASIL, 2006).

Salienta-se que não se trata de um tema novo, sendo o mesmo estudado durante muitos anos. Na década de 70, ocorreu a Primeira Conferência Internacional de Assistência Primária em Saúde, conhecida como a declaração de “Alma Ata” da Rússia (TELESI JUNIOR, 2016). Esta conferência apresentou as primeiras recomendações para que fosse possível a utilização dos saberes tradicionais no tratamento à saúde, saberes que se referem ao conhecimento cultural sobre utilização de ervas e técnicas com propósitos medicinais.

Desde então ocorreram evoluções sobre as leis que se objetivaram a orientar e regulamentar a utilização das Práticas Integrativas, sendo um campo da saúde coletiva voltado à produção de relações mais humanas no atendimento à população. Em 27 de março de 2017, o Ministério da Saúde publicou a portaria nº. 849 em complemento ao documento de 2006. Nesta portaria novas práticas foram incluídas para a sua utilização pelo Sistema Único de Saúde (SUS), sendo estas “Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga” (BRASIL, 2017, p. 68).

Para a produção deste estudo foi destacada a Arteterapia e a sua utilização na Psicologia buscando a redução ou eliminação de sintomas no tratamento terapêutico, aqui denominado como modificação sintomática. Destaca-se que no seu início a arteterapia utilizou-se de bases psicanalíticas para formular uma forma de intervenção que ajudasse o profissional dentro das sessões terapêuticas (REIS, 2014). Porém após estudos e intervenções, é possível notar que a sua utilização independe de linhas teóricas, sendo possível a sua aplicação multidisciplinar.

É possível afirmar que a arte proporciona a pessoa uma forma de expressar sentimentos que dificilmente seriam apresentados pela fala. Através da construção artística, nas suas diversas formas, como a pintura, escultura ou qualquer outra, permite que o paciente consiga trabalhar sua autonomia e simbolicamente a resolução de problemas que o aflijam (UBAAT, 2017).

Nesse sentido a utilização de preceitos artísticos, como desenhos é utilizada em diversas formas dentro da psicologia, sendo em testes ou mesmo em avaliações infantis. Principalmente na infância, quando a comunicação oral ainda é rudimentar, a expressão artística ganha destaque na relação terapêutica. E como uma forma universal de comunicação, a arte em si permite que o terapeuta possa interpretar seu significado para o paciente.

A arte está presente no cotidiano das pessoas, apresentando-se de diversas formas, assim torna-se relevante que o terapeuta possa conhecer e utilizar-se da arte como uma forma de acesso ao seu paciente. Sendo que esta se trata de uma forma pura de expressão, proporcionando o acesso aos sentimentos da pessoa na sua essência.

Como objetivo geral deste estudo, buscou-se conhecer as formas de utilização da arteterapia, buscando apontar como ela pode contribuir na redução de sintomas de pacientes em tratamento psicológico e como objetivos secundários: Apresentar e discutir seu conceito; conhecer as formas de utilização pela psicologia ao longo do tempo; identificar os contextos terapêuticos que a sua utilização é utilizada pela psicologia e verificar a eficácia da sua utilização na redução de sintomas dos pacientes em terapia.

PRÁTICAS INTEGRATIVAS

A inserção das práticas integrativas na prevenção e tratamento da saúde vem sendo estimulada desde a primeira Conferência Internacional de Assistência Primária em Saúde, realizada na Rússia em 1970. Sendo que após esta conferência a Organização Mundial da Saúde deu início ao Programa de Medicina Tradicional, o qual se objetivou a definir políticas que orientassem a utilização dos diversos conhecimentos tradicionais na área da saúde (TELESI JUNIOR, 2016).

Como Medicina Tradicional entende-se toda prática médica, assim como saberes e produtos que não fazem parte da medicina moderna ou convencional. A medicina tradicional tem a sua aplicação através de profissionais que são formados ou atuantes na medicina convencional, considerados desta forma como híbridos (SOUSA e TESSER, 2017).

No Brasil, somente a partir da década de 80, mais diretamente na 8ª. Conferência nacional de saúde (CNS) foram introduzidas as práticas alternativas na assistência à saúde (BRASIL, 2015). Em 27 de março de 2017, através da portaria nº. 849 foram incluídas 14 práticas alternativas nos serviços de saúde - como citado anteriormente - disponibilizados a população brasileira através do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo elas: a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga (BRASIL, 2017).

Diversos artigos acadêmicos relatam estudos sobre algumas formas de tratamentos alternativos e a sua eficácia na área da saúde. Dentre eles, Rizzuti *et al.* (2017) apresentam um estudo sobre a utilização da meditação ou *mindfulness*⁴ no tratamento em pacientes com depressão, demonstrando a eficácia da técnica utilizada pela terapia comportamental na reincidência de quadros depressivos. Sendo que, através do estudo notou-se que nos pacientes com histórico de trauma a utilização da técnica se mostrou mais eficaz do que a utilização de medicamentos antidepressivos.

⁴ Mindfulness refere-se a uma técnica ou forma de meditação que busca uma plena consciência, ou seja, conseguir alcançar um estado de atenção plena com foco no momento presente (MENEZES; DELL'AGLIO, 2009).

Em outro estudo, apresentado por Doro *et al.* (2015) apresentam outra forma de intervenções através de práticas integrativas. Os autores relatam intervenções consideradas positivas no tratamento a pacientes oncológicos através da musicoterapia. A partir da afirmação de uma dialética, entre um corpo e uma mente, vislumbra-se a necessidade de se ter um cuidado que abranja o ser humano na sua totalidade, desta forma ao paciente que se encontra em sofrimento, devido a sua enfermidade física, sendo esta tratada, deverá também cuidar da sua saúde mental.

ARTETERAPIA

Das práticas integrativas incluídas pelo SUS foi destacado neste trabalho a arteterapia, sendo uma das práticas mais utilizadas por diversos profissionais da área de saúde mental no tratamento de seus pacientes. Considerada uma técnica multidisciplinar, tem a sua utilização por profissionais da educação, enfermagem, entre outros campos. Pela psicologia, a sua utilização vem sendo realizada de forma ampla, não sendo restringida somente aos consultórios, mas também em grupos dos mais diversos interesses (REIS, 2014).

A arteterapia define-se como uma forma de atuação onde o profissional utiliza-se da arte, nas suas diversas formas, para criar uma base de comunicação entre ele e seu paciente/cliente (REIS, 2014). Esta prática teve sua base através dos estudos psicanalíticos de Freud e Jung. Reis (2014) descreve em seu estudo que Freud acreditava que a arte expressava conteúdos inconscientes do paciente, ou seja, conteúdos que não se apresentavam de forma direta durante a terapia. Jung, por sua vez, acreditava em uma forma estruturante da arte, sendo que através dela o paciente daria forma aos conteúdos inconscientes, resultando em um processo de cura.

Sobre a sua utilização nas estruturas psíquicas, entende-se ser possível a sua aplicação a todos os tipos de pacientes. Neurose e Psicose são apresentadas por Freud (1924) como sendo duas estruturas psíquicas pertinentes ao ser humano. De uma forma muito resumida, estas estruturas se diferenciam em relação a influência da realidade, ou seja, na neurose a atuação da realidade através do ego é predominante enquanto na psicose existe um distanciamento do real destacando-se o domínio do inconsciente.

Reis (2014) salienta que mesmo sendo a base da arteterapia, Freud e Jung não foram os pioneiros na utilização da prática em suas sessões, ficando atribuído a Margaret Naumburg, na década de 1940, a definição de pioneira na técnica. Naumburg, assim como Freud acreditava ser possível acessar os materiais barrados durante as sessões terapêuticas através da arte, iniciando assim a sua utilização como ferramenta de auxílio em suas sessões.

No Brasil, a arteterapia ganhou destaque através de dois grandes nomes, Nise da Silveira e Osório César, ambos utilizavam orientação psicanalítica para embasar suas intervenções terapêuticas. Nise e Osório realizavam grupos com pacientes internados em hospitais psiquiátricos e seus trabalhos

tornaram-se conhecidos e valorizados, até mesmo por representantes de arte da época (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010).

A atuação destes profissionais somadas a outros eventos acabou promovendo um forte movimento na luta antimanicomial, buscando o entendimento do ser humano através da sua totalidade e não somente como uma extensão do seu adoecimento. Para que isto ocorra, o terapeuta necessita que sejam acessados pelo paciente alguns conteúdos que mesmo inconscientes afetam de forma relevante o indivíduo, a arte vem facilitar este acesso, por meio da expressão artística (ANDRADE; SOUZA; ANDRADE, 2016).

Apesar de ter um maior destaque através da pintura, a arteterapia pode ser utilizada de diversas formas como desenho, pintura, psicodrama, escultura, teatro ou outras formas de representações artísticas. Barros e Ferreira (2016) salientam que a arteterapia pode ser considerada uma ciência de fato, por possuir todo embasamento teórico necessário para isto.

Coqueiro, Vieira e Freitas (2010) relatam que através da arteterapia o acesso e representação de conteúdos conflituosos é realizado de forma menos sofrida ao paciente. Em complemento a esta ideia, Reis (2014) afirma que a arte propicia a exploração de materiais que seriam de difícil acesso em uma sessão terapêutica tradicional, ainda permitindo a sua ressignificação através da representação artística.

O termo arteterapia pode ser questionado, pois não existe uma intenção estética na produção artística durante as sessões terapêuticas, mesmo que em relatos anteriores demonstrem a aceitação de críticos de arte (REIS, 2014). Ainda é importante salientar que a arteterapia só ganhará caráter terapêutico quando ministrada por um psicólogo (ANDRADE; SOUZA; ANDRADE, 2016).

O SINTOMA COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Na busca de elaborar uma definição sobre o sintoma, vê-se necessário visualizá-lo em primeiro momento através da visão clássica da medicina, como um indício de que algo está acontecendo a saúde do paciente. Sobre esta ótica teremos o sintoma como a sinalização de um problema a saúde da pessoa, sendo que este refere-se a percepção pessoal do indivíduo sobre o que está sentindo, desta forma, descreve uma percepção subjetiva (MARCOS; OLIVEIRA JUNIOR, 2013).

Dentro da psicologia, o sintoma pode ser entendido como uma forma de expressão de um conflito psíquico, como percepção subjetiva pode ocorrer variações nas formas em que será apresentado (SILVA; RUDGE, 2017). É através dos sintomas que o sujeito consegue em muitas vezes se expressar, desta forma o analista deverá manter sua atenção e criar um espaço de escuta onde será permitido ao paciente a elaboração e entendimento sobre esta expressão sintomática.

Como forma de expressão o sintoma, apesar do sofrimento causado ao paciente, trata-se de um processo de defesa, onde sua estrutura psicológica busca uma forma mais saudável de sustentação deste conflito. O terapeuta, neste sentido, terá o sintoma como se fosse uma mensagem a ser

decifrada, desta forma, a partir do relato do seu paciente, buscará uma significação para o que se apresenta dentro do setting (SILVA; LOPES; CANELLO, 2012).

Para o entendimento desta expressão sintomática o analista tem em seu auxílio todo conhecimento teórico adquirido durante a sua formação, assim como a sua base teórica que lhe proporciona a utilização de diversas técnicas. A arteterapia, como um dos instrumentos que o terapeuta tem em seu auxílio, permite o acesso aos materiais inconscientes que causam sofrimento ao paciente, proporcionando uma diminuição dos sintomas apresentados.

MÉTODO

Para a elaboração deste estudo foi realizada uma Revisão Sistemática sobre o tema “a arteterapia como instrumento de modificação da expressão sintomática no atendimento psicológico”. A Revisão Sistemática, assim como outros tipos de pesquisas, permite que sejam acessados uma quantidade considerável de publicações que contenham material sobre um determinado assunto. Também foi utilizado o sistema PRISMA, que visa orientar o pesquisador através de uma base estratégica estruturada (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015).

De acordo com Sampaio e Mancini (2007) e Costa e Zoltowski (2014), as revisões sistemáticas possuem grande utilidade quando o pesquisador objetiva integrar informações obtidas, através de diversos estudos, sobre uma determinada intervenção ou técnica. Estas informações podem apresentar resultados discordantes ou não, porém deverão possibilitar o levantamento de novos questionamentos que podem ser respondidos através de novos estudos.

Para efetuar a referida pesquisa foram utilizadas as bases de dados, Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). As bases de dados eletrônicas são referências em pesquisas científicas, justifica-se a escolha das referidas bases, por trabalharem com materiais publicados em língua portuguesa, sendo este um dos requisitos para a utilização de artigos obtidos na pesquisa.

A pesquisa foi realizada nas bases de dados informadas tendo como critérios de inclusão, ser um artigo científico, possuir texto completo disponível, estar publicado no idioma português ou possuir texto traduzido no idioma informado e conter informações que abranjam o tema proposto neste projeto. Não foi estipulado período de publicações, para que fosse possível abranger a maior quantidade de materiais publicados. Como critérios de exclusão foram descartados os artigos que não contemplaram o tema do projeto.

PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DOS DADOS

A Revisão Sistemática tem a estrutura de um artigo, devendo possuir introdução, os métodos que foram utilizados, os resultados obtidos e uma discussão conclusiva sobre o material levantado no estudo. Para realizar a pesquisa através da forma escolhida devem ser executados alguns passos, que permitirão uma pesquisa mais fidedigna sobre o assunto proposto, sendo estes:

A definição de uma pergunta científica, a qual norteará a busca sobre a população e a intervenção de interesse (SAMPAIO; MANCINI, 2007), desta forma, na elaboração deste projeto, busca-se responder ao questionamento “como a arteterapia pode modificar a expressão sintomática nos pacientes em tratamento psicológico? ”; definir as bases de dados e as palavras-chave que serão utilizadas (SAMPAIO; MANCINI, 2007; COSTA; ZOLTOWSKI, 2014), como bases de pesquisas foram utilizadas a BVS, CAPES, LILACS, PEPSIC, SCIELO. Como descritores foram utilizados separadamente os termos “(Arteterapia OR arte-terapia OR art-terapia OR arteterapias OR artes-terapias OR art-terapias OR arte OR arteterap*) AND (psicologia OR psicol*) AND psicot*”; estabelecer critérios de inclusão e exclusão de artigos obtidos (SAMPAIO; MANCINI, 2007); Conduzir a busca nas bases de dados; Aplicar os critérios de inclusão e exclusão. Após a leitura dos resumos, foram retirados os textos duplicados, ficando com 7 artigos na LILACS, 4 na CAPES, 1 na BVS, 0 na Scielo e 0 na PEPSIC, totalizando 12 artigos;

Definidos os artigos que foram utilizados, realizar uma análise crítica (SAMPAIO; MANCINI, 2007), avaliando os estudos. Para a realização desta análise foram definidos alguns pontos que seriam verificados nos artigos, assim foi realizada uma primeira leitura buscando visualizar estes pontos. Por fim, preparar um resumo/fichamento sintetizando as principais informações dos artigos escolhidos e por último apresentar uma conclusão, apresentando os resultados sobre a questão norteadora (SAMPAIO; MANCINI, 2007; COSTA; ZOLTOWSKI, 2014). Informações melhores ilustradas na figura 1 - Fluxograma.

RESULTADOS

Importante salientar que nos artigos verificados, nota-se que nenhum tem a intenção de apresentar conceito sobre a arteterapia, mas sim realizar discussões sobre a utilização de técnicas complementares da arte em tratamentos terapêuticos ou da sua influência sobre o bem estar mental dos pacientes. Durante a leitura dos artigos foi possível verificar alguns pontos que se salientam neste estudo, dentre estes a quantidade de pacientes envolvidos, a teoria de análise utilizada como base e o método pelo qual foram apresentados os artigos. Em relação a quantia de pacientes envolvidos, de acordo com a pesquisa apresentada, verificamos que em 5 artigos são apresentados relatos de casos clínicos individuais, 3 artigos não apresentam a quantidade de pessoas analisadas, ficando somente 4 artigos em que se apresenta

a quantidade de pacientes, sendo 131 pessoas distribuídas entre os quatro. Somando todas as pessoas apresentadas como objetos de estudos nos artigos teremos uma quantidade de 136 pessoas.

Sobre a teoria de análise que é utilizada como base nos artigos verificados, é possível verificar a sua maior utilização pela Psicanálise. Dos 12 artigos, 6 utilizam a Psicanálise como base teórica, em 4 não constam nenhuma linha orientando, 1 é apresentado pela Gestalt-terapia e 1 pela Psicologia Social. Torna-se relevante salientar que todos os autores possuem formação em Psicologia.

Como método utilizado na apresentação dos artigos, 5 apresentam-se como estudos de casos, 4 como relatos de casos e experiências, 1 revisão bibliográfica, 1 estudo qualitativo descritivo e 1 pesquisa bibliográfica. Desta forma salientando que na sua maioria, são estudos de casos, onde destes 2 são realizados a partir de uma pessoa. O estudo de caso aqui apresentado é definido como um termo amplo, onde foi realizado um estudo aprofundado, utilizando métodos de pesquisa para investigar de forma sistemática uma determinada instância (ANDRE, 1984). O relato de caso não apresenta o rigor científico, mas mesmo assim é apontado como uma rica fonte de informações sobre o caso que se pretende apresentar (YOSHIDA, 2007).

O termo “Não diretamente” é apresentado em 03 artigos, pois a utilização da arte não apresentada a modificação de forma direta, mas sim considerando como uma forma de estabilização da psicose ou como uma forma menos agressiva de apresentação dos sintomas dentro da realidade. Estes artigos, mais diretamente, relacionam-se a pacientes psicóticos ou com transtornos mentais graves (CORPAS; VIEIRA, 2012; POLI; MESQUITA, 2014; REIS; LIBERMAN; CARVALHO, 2018), porém mesmo assim é possível afirmar que ocorreu uma modificação do sintoma.

A ARTE COMO TERAPIA

Uma mudança constante vem acontecendo no campo da saúde mental, esta transformação iniciou-se no final da década de setenta, com o movimento que ficou conhecido como Reforma Psiquiátrica. A prática de exclusão social que acontecia no tratamento aos doentes mentais vem dando espaço ao pensamento de inclusão social, o que proporciona um tratamento humanizado aos pacientes. O termo “clínica inventiva” é apresentado para denominar as estratégias de intervenção que buscam reintegrar os doentes mentais a sociedade (GUERRA *et al.*, 2006).

Bilbão e Cury (2006, p. 94) relacionam a arte com o brincar, de acordo com os autores ambas permitem um “inter-jogo entre a realidade psíquica e a externa”. Este jogo que se apresenta durante a criação artística permite ao indivíduo que consiga uma melhor compreensão da realidade externa, desta forma elaborando sentimentos e acontecimentos, que se apresentam de difícil acesso na realidade.

Vasconcellos e Giglio (2007) declaram que a arteterapia pode ser utilizada com qualquer paciente, tendo conhecimento ou não, sendo que cada pessoa possui uma capacidade nata de projetar seus conflitos através de produções visuais. Os autores ainda realçam que o processo da arteterapia

busca que os pacientes consigam reconhecer seus pensamentos e sentimentos mais profundos, estes derivados do inconsciente e a partir disto expressá-los através da arte.

A arteterapia como uma modalidade terapêutica apresenta características particulares, podendo ser diferenciada através de duas linhas de operação, na primeira linha apresenta-se a arte como terapia e em uma segunda linha a arte psicoterapia (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007). A Arte como terapia tem o foco no processo criativo e suas propriedades curativas, enquanto da arte psicoterapia o processo ocorre fundamentado em conhecimento teórico e técnica objetivando o desenvolvimento emocional do paciente e através deste processo uma estimulação das potencialidades criativas.

A produção artística pode ser utilizada como uma forma de trabalhar dentro da realidade o material inconsciente que não encontra uma forma saudável de representação real. Guerra *et al.* (2006) coloca que esta solução é verificada em dois momentos, sendo o primeiro na elaboração simbólica e a sua resolução através da construção de um objeto real, desta forma torna possível a tratar o retorno no real de uma maneira mais suportável para o paciente.

Morais *et al.* (2013) chama a atenção sobre o profissional que utiliza-se da arte como instrumento terapêutico, este deve ter conhecimento teórico e prático sobre a técnica que deseja aplicar. Pois caso não tenha domínio teórico, o atendimento pode ser confundido com atividades recreativas ou até mesmo com atividades pedagógicas onde os objetivos e atribuições divergem do objetivo terapêutico.

MODIFICABILIDADE

A palavra modificabilidade refere-se a uma qualidade daquilo que se pode mudar, ou como apresentado por Geiger (2012) a capacidade que algo tem de ser modificado. Utilizamos o termo aqui descrito para verificar nos artigos verificados se os autores apresentam alguma forma de alteração nos pacientes envolvidos após a utilização da arte em um contexto terapêutico. Salientando aqui que se trata de uma ideia subjetiva, pois se entende que para cada indivíduo ocorrerá esta mudança ou entendimento de forma diferente.

A expressão artística é apresentada como uma função psíquica nativa do ser humano, sendo que esta desempenha um papel estruturante na vida das pessoas. A produção de arte cria autoestima, incentiva a descoberta, fomenta as potencialidades e otimiza a vida, pontos que por si já teriam grande efeito terapêutico (BILBÃO; CURY, 2006).

O estudo apresentado por Machado, Feres-Carneiro e Magalhães (2008) apresentou a relevância da utilização da arte no processo terapêutico familiar, sendo que através das produções, tornou-se possível o acesso e trabalho sobre questões que atrapalhavam o convívio dos integrantes. Porém a utilização também permite a verificação dos aspectos considerados promotores de saúde, permitindo que fossem trabalhados durante o tratamento.

Bilbão e Cury (2006) acompanharam 9 artistas com o intuito de verificar o efeito da produção artística na vida destes, e a partir do observado realizar uma comparação com estudos sobre a utilização de arte em terapia. Pontos como autoconhecimento e expansão da consciência foram destacados, pois são pontos presentes na prática terapêutica com a utilização nos pacientes.

Vasconcellos e Giglio (2007) afirmam a efetividade da utilização de técnicas da arteterapia com pacientes oncológicos em tratamento hospitalar. De acordo com os autores a intervenção permite que o paciente possa perceber a sua real situação em relação ao seu estado de saúde e a partir desta compreensão conseguir enfrentar as diversas mudanças corporais e emocionais pertinentes ao tratamento da enfermidade.

Ainda dentro do tratamento hospitalar, com pacientes oncológicos, existe uma cultura de pensamento positivista, pensamento que é compartilhado entre os pacientes enfermos. Neste sentido, forma-se a ideia de que não devem ser exteriorizados pensamentos negativos, pois estes causariam a progressão da doença. Porém estes pensamentos existem e causam grande sofrimento aos pacientes e acompanhantes, assim a expressão através da arte permite dar vazão aos sentimentos sem ter a necessidade de realmente nomeá-los, desta forma respeitando o momento do paciente (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007).

Sessões de grupoterapia realizadas na Unidade de Cuidado Intermediário Neonatal Canguru (UCINCa) do Hospital de Referência de Ensino e Alta Complexidade de Pernambuco proporcionaram um espaço de expressão para as mães e cuidadores. Através da intervenção artística permitiu a produção de um olhar sobre o bebê pré-termo, este olhar reflete o desejo e investimento que uma mãe espera do seu filho (MORAIS *et al.*, 2013).

Morais *et al.* (2013, p. 26) citando Joseph Zinker afirma que “toda pessoa é um artista” e através da sua arte, independente do estilo, que o artista apresenta sua expressão, mostrando seu eu dentro do mundo. É destacada neste estudo a relevância desta produção com acompanhantes e pacientes em situação de internação hospitalar, pois é um espaço onde torna-se possível uma resignificação da experiência em que se encontra, ajudando a criar uma forma de lidar com a internação, assim como fora dela.

Para os pacientes adultos em situação hospitalar existe um nível maior de compreensão, ou seja, eles têm a consciência do motivo de estar internados para tratamento, isto não é tão simples para as crianças. A notícia e a forma com a qual é revelada a situação para as crianças pode causar uma sobrecarga emocional, assim se faz necessário a utilização de intervenções adaptativas para estes pacientes, substituindo gradativamente a fantasia pela realidade, evitando desgastes emocionais excessivos e uma adaptação adequada dos mecanismos defensivos (DIB; ABRÃO, 2013).

A produção artística não é característica de uma estrutura em particular, faz-se presente tanto na neurose quanto na psicose, porém, de acordo com Poli e Mesquita (2014) salienta-se na psicose. Para embasar esta afirmação as autoras realizaram um estudo no qual apresentam o caso Schreber realizando um breve comparativo das suas escritas com as obras produzidas por Arthur Bispo do Rosário.

Bispo do Rosário, diagnosticado como psicótico, utilizou-se da criação como uma via onde conseguiu passar de uma proporção singular para uma maior, coletiva. A arte, neste caso não é apresentada como uma forma de cura, mas sim como uma forma possível de exteriorizar os sentimentos e desejos reprimidos ou que mesmo não encontram outra forma de apresentar-se na realidade. Sendo assim, uma forma saudável da expressão dos seus sintomas (POLI; MESQUITA, 2014).

O delírio psicótico deve ser visto como uma produção do sujeito, deixando de lado a intenção de julgá-lo como patológico ou não, trata-se de uma “tentativa de cura”, desta forma deve ser acolhido. Em primeiro momento para o atendimento do paciente em delírio, o profissional deverá acolher o paciente e respeitar a sua realidade, somente após conseguir firmar um vínculo poderá ser trabalhado junto ao paciente para que encontre uma forma mais saudável e aceita pela sociedade de lidar com o sintoma apresentado (CORPAS; VIEIRA, 2012).

Ainda em relação ao delírio do psicótico parece que existe um comando deste sobre as obras produzidas, no caso do Bispo do Rosário, porém em contrapartida a criação artística realizada por ele acaba estabilizando a própria condição delirante. O que torna possível uma nova experiência social, modificando a convivência com parentes, funcionários, fortalecendo um vínculo. Assim a obra artística produzida tem uma função estabilizante em relação ao delírio, permitindo uma melhor condição de vida (CORPAS; VIEIRA, 2012).

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPs), como um centro de cuidado a saúde mental, tem um de seus principais objetivos a desconstrução de um lugar normativo onde o foco é a clínica médica, geralmente desconsiderando as potencialidades e a própria sensibilidade do usuário. Formas criativas de intervenção ganham destaque neste sentido, por permitirem que o usuário, dito louco, possa descobrir suas potencialidades e desconstruir o conceito formado sobre a loucura (REIS; LIBERMAN; CARVALHO, 2018).

As oficinas de dança apresentam-se como uma forma de diminuir o ritmo acelerado do Centro de Apoio Psicossocial (CAPs), estas atividades permitiram que fosse criada uma nova rotina aos usuários. Além da rotina, a dança permite que se crie um olhar de cuidado em relação ao parceiro, este olhar que retorna ao usuário como um cuidado de si (REIS; LIBERMAN; CARVALHO, 2018).

TIPO DE ARTE E CIRCUNSTÂNCIAS DE USO

Como citado anteriormente, a arteterapia define-se pela utilização da arte, em suas variadas formas em um contexto terapêutico, buscando assim auxiliar o profissional da área da saúde e outros, por se tratar de uma ferramenta multidisciplinar. Neste estudo verificamos diversas formas utilizadas de aplicação, como a pintura, desenho, escultura, música, dança, poesia e teatro, sendo a sua utilização em diversas áreas, provando assim se tratar de uma forma versátil e útil de utilização pelo profissional da saúde.

Por se tratar de uma forma versátil, a sua utilização pode ser adaptada a outras técnicas, permitindo assim um maior aproveitamento. Como exemplo de um estudo apresentado por Arcuri (2009), relatando a utilização da Calatonia, juntamente com a pintura de mandalas. De acordo com a Psicóloga a utilização de técnica respiratória somada a produção artística permite um reconhecimento de si, onde o paciente consegue perceber melhor a situação que se encontra atual e ter um novo olhar sobre esta.

O teatro, como instrumento de auxílio a terapia, é uma forma apresentada por Moreno em seus estudos na década de setenta, sendo que tanto Boal, quanto Moreno conseguiram identificar nesta forma de arte uma forma possível de autoconhecimento. Através da representação teatral, o paciente conseguiria lidar com diversas situações, as quais não conseguiria lidar normalmente, neste sentido a atuação em primeiro momento ganha uma caráter catártico e através da observação uma melhor resolução dos seus problemas (OLIVEIRA; ARAUJO, 2012).

Dib e Abrão (2013) apresentam uma problematização em seu estudo sobre a utilização do desenho para fins terapêuticos, de acordo com os autores a maioria dos estudos que trazem a arteterapia se referem aos desenhos na condição de um instrumento investigador. Porém, de acordo com os autores, é visível a importância do desenho como instrumento projetivo, permitindo que o paciente consiga organizar melhor informações e com isto processe as experiências vividas, estimulando o crescimento psíquico.

Outra contribuição derivada da arteterapia foi o Arte-Diagnóstico, apresentado por Hanna Kwiatkowska, professora de arteterapia da *School of Psychiatry*, dos Estados Unidos da América. A técnica desenvolvida para atendimento familiar permite que a família expresse através de criações artísticas a dinâmica familiar presente, assim como pode ser uma forma de comunicação presente no meio familiar. (MACHADO; FERES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2008).

Sobre as circunstâncias de utilização, é possível verificar a sua utilização em diversos contextos, sendo hospitalares (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007; DIB; ABRÃO, 2013; MORAIS *et al.*, 2013) ou clínicos (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007; MACHADO; FERES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2008; ARCURI, 2009; OLIVEIRA; ARAUJO, 2012; REIS; LIBERMAN; CARVALHO, 2018). Assim como a sua utilização pode ser aplicada em diversas estruturas psíquicas, conforme citado por Poli e Mesquita (2014).

Corpas e Vieira (2012), apresentam uma comparação entre o psicótico e o artista. De acordo com eles, os psicóticos acabam sempre ensinando algo aos terapeutas, da mesma forma que os artistas fazem através das suas criações.

LOCAL

Dos locais apresentados, é possível verificar que tirando aqueles que não especificam diretamente o local (GUERRA *et al.*, 2006; BILBÃO; CURY, 2006; OLIVEIRA, 2014) a maior parte dos

trabalhos apresentam o hospital como uma das áreas de utilização da arteterapia (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007; MORAIS *et al.*, 2013; DIB; ABRÃO, 2013). A utilização na clínica psicológica foi citada em dois estudos (MACHADO; FERES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2008; ARCURI, 2009), assim como a utilização em uma colônia de tratamento psiquiátrico, que foi citada em dois, porém referindo-se ao mesmo local (CORPAS; VIEIRA, 2012; POLI; MESQUITA, 2014), O teatro (OLIVEIRA; ARAUJO, 2012) e o CAPs (REIS; LIBERMAN; CARVALHO, 2018) foram citados em um estudo cada.

DISCUSSÃO

Através dos estudos obtidos na pesquisa é possível verificar pontos que podem ser apresentados como relevantes na produção deste estudo, pontos que demonstram como a arteterapia pode ser utilizada pela psicologia nos mais diversos contextos. Em relação as formas de arte utilizadas, foram diversificadas, como pintura, teatro, música, poesia ou dança.

Apesar dos artigos apresentarem fatores consistentes, como a diversidade em relação ao tipo e a forma de aplicação que estes estão sendo utilizados, alguns artigos não especificam a arte (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007; CORPAS; VIEIRA, 2012), ou não buscam apresentar a arteterapia, mas sim criar um espaço de discussão sobre o tema. Outro fator refere-se a população ou amostra apresentada, três estudos apresentam a prática da arteterapia em um grupo de pessoas (MACHADO; FERES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2008; MORAIS *et al.*, 2013; REIS; LIBERMAN; CARVALHO, 2018), os demais estudos são realizados sobre uma pessoa ou não apresentam a quantidade de envolvidos.

Um fator que pode ser considerado, de certa forma, um delimitador ao estudo proposto é a baixa quantidade de artigos que apresentam uma amostra de pacientes. Dos artigos pesquisados somente 4 destes apresentam a amostra (BILBÃO; CURY, 2006; MACHADO; FERES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2008; MORAIS *et al.*, 2013; REIS; LIBERMAN; CARVALHO, 2018) ficando a maior quantidade de artigos sobre estudos de casos isolados (GUERRA *et al.*, 2006; ARCURI, 2009; CORPAS; VIEIRA, 2012; DIB; ABRÃO, 2013; POLI; MESQUITA, 2014). Porém, mesmo aqueles que apresentam casos isolados, trazem questões pertinentes ao estudo proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar respostas “*como a arteterapia pode modificar a expressão sintomática nos pacientes em tratamento psicológico?*”, é possível verificar que um ponto em comum entre os artigos é a possibilidade de autoconhecimento proporcionado pela utilização das diversas formas de arte. A partir deste conhecimento de si, é proporcionado que o usuário consiga entender melhor seus sentimentos e a sua forma de agir frente as adversidades. As técnicas utilizadas pelos terapeutas também permitem uma melhor comunicação (MACHADO; FERES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2008), o

que pode auxiliar na relação terapêutica. A produção artística, neste sentido, auxilia na elaboração e apresentação de sentimentos que não estão conseguindo ser elaborados pelos pacientes.

A utilização de técnicas da arteterapia proporcionam ao paciente uma melhor visualização sobre o contexto em que está inserido, aqui destacando o teatro (OLIVEIRA; ARAUJO, 2012; OLIVEIRA, 2014), que permite que sejam representadas e elaboradas estas situações em um ambiente terapêutico. Através da representação é proporcionado ao participante que consiga elaborar novas formas de agir diante das situações consideradas problemas, diminuindo as expressões sintomáticas, como medo e ansiedade.

Em relação a expressão sintomática nos pacientes, verifica-se que nos pacientes psicóticos, a arte é apresentada como uma forma saudável de apresentação do sintoma dentro da realidade. Enquanto nos demais pacientes a redução dos sintomas é apresentada a partir de um entendimento sobre si e a possibilidade de visualizar a situação ou contexto em que está inserido, desta forma é permitido que sejam ressignificados sentimentos e pensamentos os quais não estavam sendo reconhecidos ou elaborados pelos participantes.

Verifica-se que apesar de se tratar de um tema que é abordado e utilizado por diversas áreas, destas a própria psicologia, não é apresentado como uma formação dentro de instituições de ensino. Andrade, Souza e Andrade (2016), afirmam que a arteterapia só tem um efeito terapêutico quando ministrada por um psicólogo, desta forma salienta-se a necessidade de maiores estudos e aproveitamento dentro da Psicologia sobre a utilização da arteterapia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Edilamara Peixoto de; SOUZA, Pedro Amaral; ANDRADE, Edson Peixoto. **Arteterapia, CAPs e psicologia: relações e possibilidades de trabalho**. In: 11º. Encontro Internacional de Professores. 12º. Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional. Unit, Facipe, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/34a9HBP>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso: seu potencial na educação**. Cadernos de Pesquisa edição 49, Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 1984. Disponível em: <https://bit.ly/2XDWhvp>. Acesso em: 26 Out. 2019.

ARCURI, Irene Pereira Gaeta. Psicoterapia Junguiana, Calatonia e Arte. **Psic. Rev. São Paulo**, v. 18, n. 1, p. 81-98, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2KKA49Y>. Acesso em: 23 set. 2018.

BARROS, Mayra Fernanda; FERREIRA, Leonardo Carrijo. A arte como estratégia de intervenção psicoterapêutica. **Psicologia e Saúde em Debate**. Suplemento - I Simpósio Científico De Práticas Em Psicologia. Pg. 1-4. Novembro, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2pFaFXV>. Acesso em: 04 mar. 2018.

BILBÃO, Giuliana Gnatos Lima; CURY, Vera Engler. O artista e sua arte: um estudo fenomenológico. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 33, p. 91-100, abr. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/35m1eM8>. Acesso em: 23 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. PORTARIA Nº 971, DE 03 DE MAIO DE 2006. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde - SUS** Brasília, DF, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2OCsZJs>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção Básica. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso** / Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção Básica. - 2. ed. - Brasília: Ministério da saúde, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2s0nI6U>. Acesso em: 17 mar. 2018.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. **Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental**. Acta paul. enferm., São Paulo, v. 23, n. 6, p. 859-862, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/35rwb7R>. Acesso em: 04 mar. 2018.

CORPAS, Flavia dos Santos; VIEIRA, Marcus André. Bispo do Rosario e a representação dos materiais existentes na Terra. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 44, n. 2, p. 405-422, dez. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/35iDIzq>. Acesso em: 22 set. 2018.

COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. **Como escrever um artigo de revisão sistemática**. Manual de produção científica (pp. 55-70). Grupo A. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2OBbucN>. Acesso em: 10 mai. 2018.

DIB, Eloísa Pelizzon; ABRAO, Jorge Luís Ferreira. Uma experiência terapêutica pré-cirúrgica: o uso do desenho como mediador lúdico. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 63, n. 139, p. 159-174, dez. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2D26p7F>. Acesso em: 23 set. 2018.

DORO, M. P. *et al.* **Psicologia e musicoterapia: uma parceria no processo psicoativo dos pacientes do Serviço de Transplante de Medula Óssea**. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 105-130, jun. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/37pvKGL>. Acesso em: 25 fev. 2018.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição Standard brasileira, v. XIX - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

GALVÃO, Taís Freire; PANSANI, Thais de Souza Andrade; HARRAD, David. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 335-342, jun. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2XxgvXR>. Acesso em: 07 out. 2018.

GEIGER, Paulo (organizador). *Novíssimo Aulete - dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lexikon Editora, 2012.

GUERRA, Andréa Máris Campos *et al.* A função da obra na estabilização psicótica: análise do caso do Profeta Gentileza. **Interações**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 29-56, jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/33bAjkt>. Acesso em: 22 set. 2018.

BRASIL. **Portaria nº. 849, de 27 de março de 2017**. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Nº 60, terça-feira, 28 de março de 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2QEIzZ2>. Acesso em: 17 mar. 2018.

MARCOS, Cristina Moreira; OLIVEIRA JUNIOR, Ednei Soares de. O sintoma entre a terapêutica e o incurável: uma leitura lacaniana. **Psicol. clín.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 17-31, jun. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2rbvPx6>. Acesso em: 17 mai. 2018.

MENEZES, Carolina Baptista; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. POR QUE MEDITAR? A EXPERIÊNCIA SUBJETIVA DA PRÁTICA DE MEDITAÇÃO. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 3, p. 565-573. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/35qztSO>. Acesso em: 19 mai. 2018.

MACHADO, Rebeca Nonato; FERES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHAES, Andrea Seixas. Demanda clínica em psicoterapia de família: Arte-Diagnóstico Familiar como instrumento facilitador. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 555-566, dez. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2QDNNmA>. Acesso em: 22 set. 2018.

MORAIS, Katerina Czajkowska Braga de *et al.* Gestalt, grupoterapia e arte: a ressignificação do bebê pré-termo em unidade neonatal. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 21-30, jul. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/37qvpDS>. Acesso em: 23 set. 2018.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; ARAUJO, Maria de Fatima. Aproximações do teatro do oprimido com a Psicologia e o Psicodrama. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 340-355, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/35o6ZZA>. Acesso em: 22 set. 2018.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. Contando histórias e inventando metodologias para discutir a violência contra as mulheres. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 195-214, abr. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2XylabO>. Acesso em: 22 set. 2018.

POLI, Maria Cristina; MESQUITA, Dalva Botelho Gandra. Arte & Psicose: A Obra de Arthur Bispo do Rosário. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 3, p. 612-624, set. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2rffvXi>. Acesso em: 22 set. 2018.

REIS, Bruna Martins; LIBERMAN, Flávia; CARVALHO, Sérgio Resende. Das inquietações ao movimento: um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), a clínica e uma dança. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 275-284, mar. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2qmQjmF>. Acesso em: 22 set. 2018.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 142-157, mar. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2QP7zvJ>. Acesso em: 10 mar. 2018.

RIZZUTI, Micael Santana; SIQUARA, Gustavo Marcelino; ABREU, Neander Silva. Uso da terapia cognitiva baseada em mindfulness na prevenção de recaída para pacientes com depressão: revisão sistemática. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. Pg. 27-36. Bahia, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2KJkECJ>. Acesso em: 17 abr. 2018.

SAMPAIO, RF; MANCINI, MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.** São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, Feb. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2qycBBR>. Acesso em: 29 Abr. 2018.

SILVA, Ana Carolina; RUDGE, Ana Maria. **Construindo a noção de sintoma**: articulações entre psicanálise e pragmática. *Psicologia USP*, vol. 28, nº. 2, pg. 224 - 229, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2QF5emE>. Acesso em: 17 mai. 2018.

SILVA, Jerro Cardoso da; LOPES, Clarissa Junqueira; CANELLO, Jéssica Natália. Produção de sentido sobre o sintoma infantil em serviços de saúde mental. **Psicologia Argumento**. Curitiba, v. 30, n. 71, p. 703-710, out./dez. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2QG8kXE>. Acesso em: 17 mai. 2018.

SOUSA, Islandia Maria Carvalho de; TESSER, Charles Dalcanale. **Medicina Tradicional e Complementar no Brasil**: inserção no Sistema Único de Saúde e integração com a atenção primária. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, e00150215, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Obx3BH>. Acesso em: 17 mar. 2018.

TELESI JUNIOR, Emílio. **Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS**. Estud. av., São Paulo, v. 30, n. 86, p. 99-112, abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/334N1Sk>. Acesso em: 17 mar. 2018.

UBAAT - União Brasileira de Associações de Arteterapia. **Contribuição da Arteterapia para a Atenção Integral do SUS**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2QGZwRo>. Acesso em: 30 mar. 2018.

VASCONCELLOS, Erika Antunes; GIGLIO, Joel Sales. Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 375-383, set. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/336j2cK>. Acesso em: 23 set. 2018.

YOSHIDA, Winston Bonetti. Redação do relato de caso. **Jornal Vascular Brasileiro**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 112-113, jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2XBEw00>. Acesso em: 26 out. 2019.